



**ENTRE EMOÇÕES E AFETOS NA GEOGRAFIA:
UMA IMERSÃO NO MUNICÍPIO DE SOLIDÃO,
PERNAMBUCO**

*BETWEEN EMOTIONS AND AFFECTIONS IN GEOGRAPHY: AN IMMERSION IN
THE MUNICIPALITY OF SOLITUDE, PERNAMBUCO*

*ENTRE EMOCIONES Y AFFECTIVE EN GEOGRAFIA: UNA INMERSIÓN EN LA
CIUDAD DE LA SOLEDAD, PERNAMBUCO*

Augusto Rodrigo Bezerra da Silva ⁽¹⁾

Caio Augusto Amorim Maciel ⁽²⁾

⁽¹⁾ *Graduando em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Pernambuco e membro do Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política da UFPE (LECgeo)*

E-mail: augustorodrigo96@gmail.com

⁽²⁾ *Professor Associado do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco e membro do PPGEIO, líder do Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo)*

E-mail: camorim3@terra.com.br



Resumo

Ler o mundo por intermédio de questões emocionais é um desafio relativamente novo para a Geografia, pois permite compreendê-lo em uma perspectiva relacional e perceptiva. As maneiras de experimentar o ambiente diferem de pessoa a pessoa e também entre grupos culturais distintos, incluindo afetos de nativos e visitantes. Vivemos no espaço e a ele nos apegamos, preenchendo-o de simbolismo e representatividade. Assim, o artigo procura identificar as emoções que o município de Solidão-PE, no Sertão do Pajeú, despertou em alunos participantes do projeto “UFPE No Meu Quintal”. A partir das suas percepções e envolvimento espaciais, objetivou-se apreender como o território municipal tornou-se um lugar de afeto. O ensaio possui abordagem experimental por meio de entrevistas e da própria vivência do autor enquanto participante do projeto. As emoções e sentimentos vinculados ao município de Solidão consistiriam em admiração, anseio, surpresa, alegria, angústia e satisfação. As falas dos estudantes sobre os moradores destacaram características como acolhimento, humildade, humanidade, empatia, simpatia e solidariedade, o que aponta afetividade. Sentimentos ultrapassaram as experiências interpessoais, sendo revelados em espaços de vivência emocional.

Palavras-chave

Espaço; Emoções; Sertão.

Abstract

Reading the world through emotional issues is a relatively new challenge for Geography, as it allows one to understand space in a relational and perceptive perspective. Ways to experience the environment differ from person to person and also between different cultural groups, including native and visitor affections. We live and cling to space, filling it with symbolism and representativeness. Thus, the article seeks to identify the emotions that the municipality of Solidão-PE, in the Sertão do Pajeú, awakened in students participating in the project "UFPE No Meu Quintal". From their perceptions and spatial involvements, it was aimed to learn how the municipal territory became a place of affection. The essay has an experimental approach through interviews and the author's own experience as a participant of the project. The emotions and feelings linked to the municipality of Solidão were admiration, yearning, surprise, joy, anguish and satisfaction. The testimonies of the students about the residents highlighted characteristics such as welcome, humility, humanity, empathy, sympathy and solidarity, which points to people's affection. Feelings have surpassed interpersonal exchanges, being revealed in spaces of emotional experiences.

Keywords:

Space; Emotions; Brazilian Outback.

Resumen

La lectura del mundo a través de cuestiones emocionales es un desafío relativamente nuevo para la Geografía, ya que permite comprenderlo desde una perspectiva relacional y perceptiva. Sin embargo, las formas de experimentar el entorno difieren de una persona a otra y también entre los diferentes grupos culturales, incluyendo las afecciones de los nativos y los visitantes. Vivimos en el espacio y nos apegamos a él, llenándolo de simbolismo y representatividad. Así, el artículo busca identificar las emociones que el municipio de Solidão-PE, en el Sertão do Pajeú, despertó en los estudiantes que participan en el proyecto "UFPE No Meu Quintal". Desde sus percepciones espaciales y emocionales, el objetivo era aprender cómo el territorio municipal se convirtió en un lugar de afecto. El ensayo tiene un enfoque experimental a través de entrevistas y la propia experiencia del autor como participante del proyecto. Las emociones y sentimientos ligados al municipio de la Soledad consistirían en la admiración, el anhelo, la sorpresa, la alegría, la angustia y la satisfacción. En las charlas de los estudiantes sobre los residentes se destacaron características como la acogida, la humildad, la humanidad, la empatía, la simpatía y la solidaridad, lo que indica afecto. Los sentimientos superaron las experiencias interpersonales, revelándose en espacios de vida emocional.

Palabras clave:

Espacio; Emociones; Interior del Brasil.

Introdução

Cada momento que vivemos em nossas vidas é constituído de particularidades, percepções, afetos e por um cenário ou enquadramento espacial. O local em que vivemos toma uma função simbólica possível de vinculação afetiva, sentimental ou emocional, carregada de representatividade. Para Bondi *et al.* (2007) espaços e lugares são constituídos através de afetos, sendo assim a Geografia não pode apartar-se de tais perspectivas. Ainda alertam que as dificuldades para comunicar os elementos afetivos sob as topografias da vida cotidiana fizeram com que, de certa forma, a Geografia tendesse a negar, evitar, suprimir ou subestimar seus emaranhados emocionais. Isso começa a mudar com o aparecimento de publicações, sessões de conferências e cursos dedicados à temática das emoções, especialmente nos últimos 20 anos, o que é relativamente recente. A Geografia Humanista que se desenvolveu a partir dos anos 1970 assentada sobre o conceito de lugar foi uma das primeiras correntes a levar em consideração as emoções, assevera Entrikin (1976). Esse novo interesse fica evidente nos escritos sobre pessoas e lugares:

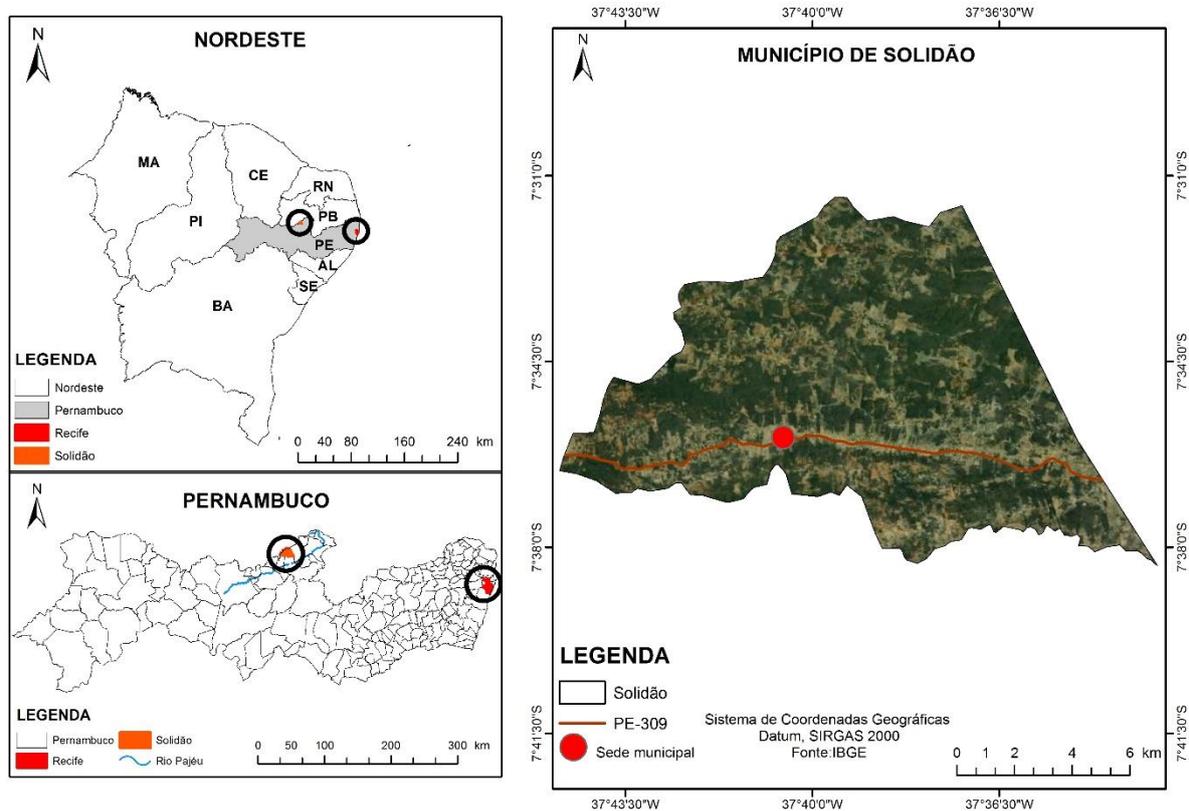
Trabalhos geográficos recentes reconheceram a significado da emoção em uma variedade de escalas. À medida que saímos do corpo, as emoções não são menos importantes, mas são indiscutivelmente menos óbvias, menos centralmente colocadas nos estudos de, por exemplo, a casa, a comunidade, a cidade e assim por diante (DAVIDSON; MILLIGAN, 2004, p.524, tradução nossa).

Não vivemos apenas experiências sociais, mas também experiências espaciais. “Pensar as emoções na Geografia permite compreendê-la numa perspectiva relacional, isto é, que não está localizada somente no indivíduo, mas também na relação dele com o espaço e com os outros indivíduos” (SILVA, 2018, p. 71). Todavia, é necessário entendermos que as maneiras de experimentar o espaço diferem de pessoa a pessoa e também entre grupos culturais distintos, gênero, raça, geração e etc. Isto inclui afetos distintos para nativos e visitantes.

O sentimento de lugar pode vir a existir tanto no nativo como no visitante, mesmo com as diferenças nas formas de perceber, lidar com o espaço e com as pessoas que sob este interagem. Assim, é evidente que as relações com o espaço se darão de formas distintas dentre esses grupos. Os visitantes encaram o desconhecido deixando suas marcas e adquirindo experiências que a imersão no novo traz à vivência humana. Aqui buscamos entender o espaço a partir da perspectiva das pessoas que o viveram na posição de visitantes engajados em uma ação universitária.

Oitenta e um estudantes da Universidade Federal de Pernambuco saíram da região metropolitana do Recife, Zona da Mata e Agreste em direção ao sertão pernambucano, município de Solidão (Figura 1), com o intuito de levar oficinas que visam ao desenvolvimento humano, social e econômico local, além da troca de conhecimentos com a comunidade, tudo através do projeto “UFPE no Meu Quintal”.¹ Oito dias em um município até então desconhecido para muitos, em constante contato com a população, conhecendo o território de ponta a ponta, sua estrutura, sua cultura, visitando seus principais pontos turísticos, conhecendo a área rural, sem nenhuma “válvula de escape”. As emoções e sentimentos vividos durante todos esses dias foram marcados por um cenário, e isto, em hipótese, é o bastante para associar as diversas experiências vividas à Solidão.

Figura 1 – Localização do Município de Solidão-PE



Os autores, 2020

Nesta mesma linha de pensamento/organização estrutura-se o artigo. Primeiro, abordaremos as questões emocionais nos estudos geográficos, como se dá essa relação e o

¹ Projeto de extensão patrocinado pela Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAS), o UFPE no Meu Quintal promove caravanas extensionistas semestrais com o objetivo de “oferecer a oportunidade aos discentes da UFPE de agregar novas vivências em educação experiencial por meio de uma imersão na dinâmica social de municípios pernambucanos”. O ensaio é fruto da participação do primeiro autor na versão 2018.2 Ver: <https://www.ufpe.br/proaes/ufpe-no-meu-quintal> e <https://www.facebook.com/UFPEnomeuquintal>.



diálogo com algumas categorias de análise. Assim, adentramos nas reflexões sobre o espaço desconhecido e as diferenças no experienciar o espaço considerando o nativo (habitantes locais) e o visitante (os estudantes). Em seguida, apresentamos o projeto “UFPE No Meu Quintal” que possibilitou as vivências aqui estudadas e o município de Solidão. E então serão apresentados os resultados das três entrevistas realizadas, ao passo em que vão sendo analisados e discutidos. Nesse sentido, nos atentaremos ao imaginário construído de Solidão, às relações interpessoais e o lugar, os lugares e emoções e, por último, os sentimentos e emoções vividos no município.

As emoções e o vivido na geografia

Com o intuito de dar foco às questões emocionais para compreender os fatos espaciais emerge a Geografia emocional. Tendo um caráter amplamente interdisciplinar, ela recebe influência da Geografia Humanista e de conhecimentos desenvolvidos em outras áreas como Psicologia, Sociologia das emoções, entre outras. Essa temática possibilita contribuir com perspectivas críticas que questionam os limites da Geografia Tradicional e que vai de encontro a um pensamento geográfico que nega os sentimentos, paixões e emaranhados emocionais. As emoções não são fenômenos superficiais e simplórios, embora estejam na vida cotidiana não são facilmente mapeados, observados, demarcados ou definidos, dado o grau de sua complexidade.

A geografia sempre teve problemas para expressar sentimentos. As dificuldades para comunicar os elementos afetivos sob as topografias da vida cotidiana fizeram com que, de certa forma, tendesse a negar, evitar, suprimir ou subestimar seus emaranhados emocionais. Isso está começando a mudar, como demonstra o recente aparecimento de publicações, sessões de conferências e cursos dedicados ao assunto da emoção. Esse novo interesse fica evidente nos escritos sobre pessoas e lugares. (BONDI *et al.*, 2007, p. 1, tradução nossa)

Embora as questões sensíveis tenham começado a adentrar as ciências geográficas muito antes, cabe ressaltar que esse aparecimento de trabalhos dedicados à temática das emoções acontece na virada do milênio – anos 2000. No entanto, são totalmente influenciados por debates antes levantados, como as proposições da Geografia Humanista na década de 1970 quando destaca a perspectiva do sensível no espaço geográfico.

As emoções afetam o nosso ser no mundo e o modo como sentimos o passado, presente e futuro. As geografias emocionais são dinâmicas e se transformam à medida que perpassamos



da infância à velhice, além das transformações causadas por eventos desestabilizadores mais imediatos. Estar em certo lugar exige um investimento emocional, ainda que seja a indiferença.

Emoções são subjetivas, atingem as pessoas de formas diferentes, mesmo que essas estejam em um espaço compartilhado, vivendo experiências afins. Desse modo, não há representações generalizadas quando se trabalha com emoções, as experiências de uma pessoa correspondem apenas a ela, não possibilitando uma universalização. O que não significa dizer que não seja necessária uma conexão com as questões sociais que permeiam a vida e o espaço geográfico. As discussões nas Ciências Geográficas trazem uma perspectiva importante para o debate sobre emoções, pois não as entendem como algo localizado apenas no indivíduo, mas também na relação com o espaço e com outros indivíduos. Nela os sentimentos devem ser considerados em conexão com estruturas sociais e culturais.

A geografia nesse debate tem acionado algumas de suas categorias de análise/conceitos-chave, sendo assim, aqui destacamos Lugar e Espaço vivido. A proximidade com o ambiente, o apego e sentimento de pertencimento caracterizam o conceito de lugar. “Nesse viés, são as pessoas, suas vivências e experiências, as trocas, comunicações que dão sentido e visibilidade ao lugar, que possui personalidade e sentido”, como aponta SILVA (2018, p. 74). Também Relph (1976), assevera que

Lugares são fusões de ordem humana e natural e são importantes centros de nossas experiências imediatas do mundo. São definidos menos pela unicidade, paisagem e comunidades, do que pelo foco de experiências e intenções na intimidade do indivíduo. Os lugares não são abstrações ou conceitos, mas são fenômenos diretamente experienciados do mundo vivido e, portanto, estão cheios de significados, com objetos reais e atividades em curso. São importantes fontes de identidade pessoal e comunitária, e são muitas vezes, centros profundos da existência humana com os quais as pessoas têm vigorosos laços emocionais e psicológicos. Na verdade, nossas relações com lugares são tão necessárias, variadas e, às vezes, tão desagradáveis como nossos relacionamentos com outras pessoas (RELPH, 1976, p. 141, tradução nossa).

Desta forma, entendemos que o sentido de lugar possui uma ligação muito profunda com o emocional e com a forma particular com que cada local nos toca, nos passa e nos afeta. O tocar, afetar e passar são características muito marcantes da experiência, como diz Bondía (2002). A experiência é vivida e individual - mesmo que no coletivo - e quando ela é ligada aos lugares nos leva ao Espaço Vivido que se refere ao espaço da vida, do cotidiano, que todos nós construímos, sendo geógrafos ou não. Tal espaço encarna toda a densidade da existência humana, seus desejos, anseios, emoções, expectativas e aspirações sobre a vida. Assim, relaciona-se com a experiência humana, de acordo com Silva (2018). Uma Geografia



interessada nas vivências pessoais reconhece o papel fundamental do cotidiano e das representações espaciais nas relações sociedade-espço:

A noção de espaço vivido representa, para Frémont [1980], uma ruptura com uma Geografia que se quer demasiadamente objetiva. É uma inversão de olhar, **um convite para que os geógrafos se coloquem na posição dos habitantes de um território**, para compreender como vivem e produzem/criam espaço. Um convite para se debruçar sobre as dimensões da vida cotidiana e aprofundar o papel das representações nos processos de produção do espaço (SERPA, 2019, p. 85, grifo nosso).

Já Relph (1979) afirma que “nós não somente apreendemos espaço através de nossos sentidos, mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional: ele é vivido”. O espaço vivido é repleto de valores e ao se tornar significativo deixa de ser simples espaço em que as coisas estão, mas espaço em que as coisas possuem um significado, sendo ele mesmo, significativo.

O vivido na perspectiva morador-visitante

O modo como o visitante e o morador observam o lugar é, sem dúvida, diferente, haja vista que o grau de relações e experiências são aprofundadas com base na vivência cotidiana, no convívio com os problemas e qualidades do local, sendo assim, o fator tempo de interação é determinante. Nesse sentido, Relph (2012) ao se debruçar sobre os diferentes aspectos de lugar como interioridade, lar, fisionomia, entre outros, entende que o primeiro “refere-se à familiaridade, conhecendo o lugar de dentro pra fora, diferente de como faz o turista ou o observador” (RELPH, 2012, p. 24) e continua ao falar que o lar é onde as raízes são mais fortes, onde se conhece e é conhecido pelos outros, onde se pertence. Para quem vê de fora (os turistas, arquitetos, planejadores, etc.) fica mais evidente o aspecto de fisionomia do lugar (as formas, ruas, construções, colinas, etc.).

Relph vai além ao propor que o lar constitui o padrão contra o qual julgamos todos os outros lugares. Assim, quando os indivíduos saem de seus ambientes de conforto e se deparam com um mundo de novidades, se põem a procurar conexões com o seu lar e as coisas com a qual é familiarizado, para assim, através dos valores, julgar e canalizar suas percepções sobre o ambiente, que logo refletirão em ações. Nesse sentido, também dialogamos com Tuan (2013, p. 162) quando fala que “Os turistas buscam novos lugares. Em um novo ambiente, são forçados a ver e a pensar sem o apoio de todo um mundo de vistas, sons e cheiros conhecidos que dão



peso ao ser: os lugares de férias, apesar de encantadores, após algum tempo parecem irreais”, assim, no movimento de descobrir o novo e de fazer conexões a partir de suas experiências anteriores as pessoas vão construindo sua relação com o espaço. Experimentar sem o apoio do que conhecemos é um grande desafio, por isso tendemos a fazer essas conexões e até mesmo analogias, buscando se aproximar do lugar e “melhorar” suas experiências com ele.

As formas como as pessoas se relacionam com o espaço, sejam elas visitantes ou moradores, expressam, ao mesmo tempo que constroem, uma identidade coletiva particular a cada comunidade. Os hábitos, modelos comportamentais e produtivos dos turistas (e, por extensão, dos visitantes em geral), não desaparecem quando eles entram em contato com o desconhecido, todavia, podem ser transformados. As pessoas possuem suas convicções, particularidades e jeitos, no entanto, o contato com os novos ambientes e com diferentes realidades sociais e culturais possibilitam mudanças no perceber e interagir com o mundo. A interação é dialética, quando o sujeito se permite conhecer, abre espaço para ser conhecido; quando se libera a ser transformado pelas novas experiências possibilita-se transformar o outro no qual está em contato. E para que seja possível existir mudanças e trocas é necessário reconhecer que o outro possui experiências e trajetórias que podem lhe agregar e ensinar, é necessário estar aberto tanto às pessoas quanto ao ambiente, do contrário não há como existir o sentido de lugar e a experiência no novo perde potência.

UFPE no meu quintal

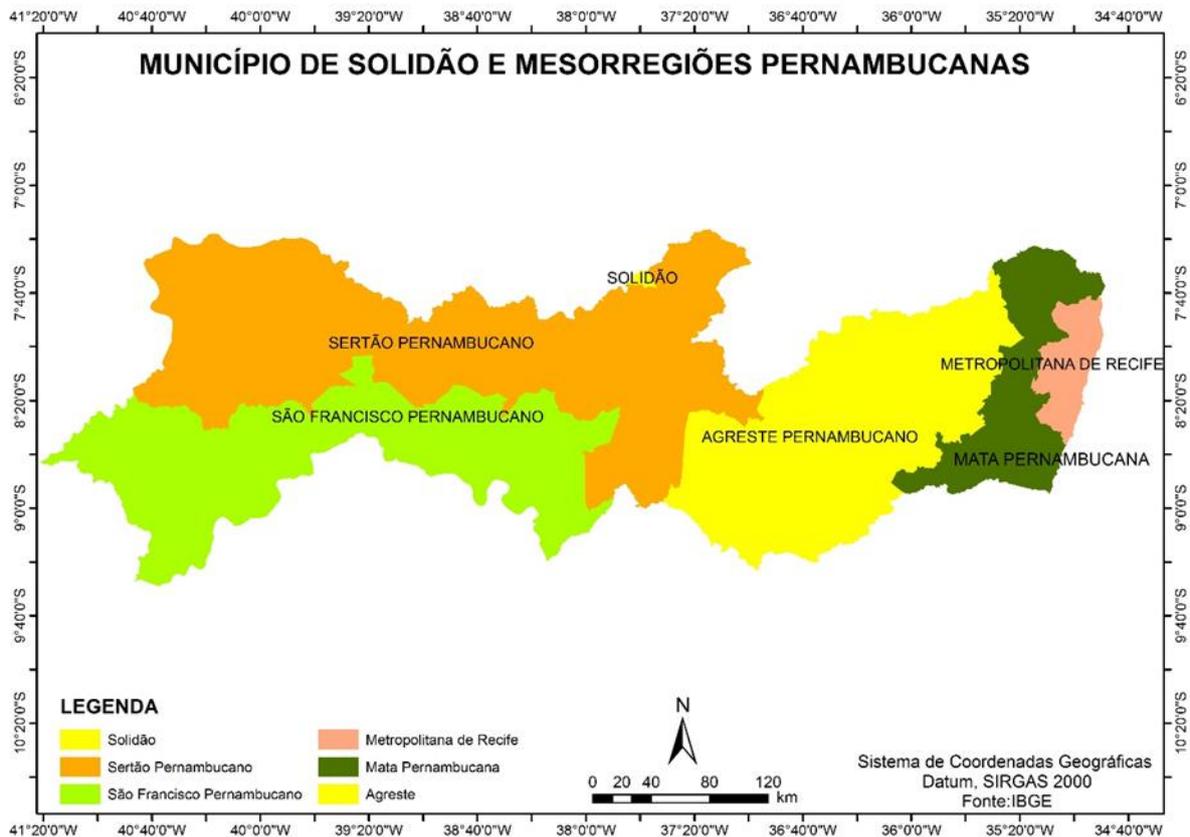
“UFPE no Meu Quintal” é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pernambuco que visa levar a comunidade acadêmica e seus conhecimentos para a população do interior do estado, mais precisamente, para o Sertão pernambucano (Figura 2). Parte, assim, da inserção de “vivências extensionistas” à dinâmica de formação dos graduandos dessa universidade, enquanto parte de uma proposta de educação experimental.

A quarta edição do projeto, realizada no município de Solidão em janeiro de 2019, selecionou 81 alunos com projetos de oficinas em duplas ou individuais nos eixos temáticos: meio ambiente; tecnologias sociais e desenvolvimento humano; saúde; educação; cultura; justiça e cidadania, totalizando 45 oficinas². Assim, o esperado era que os estudantes com suas

² Sobre o público-alvo, a versão 2018.2 visava atingir ampla participação popular, buscando envolver tanto a população primária do município, quanto os seus potenciais multiplicadores: agentes de saúde, educadores sociais, professores, técnicos da administração pública em diversas áreas, agentes culturais e de esporte e lazer. Cf. <https://www.ufpe.br/documents/2397341/2419768/Edital+UFPE+no+Meu+Quintal+2018.2.pdf/bf1a3a68-714c-43d9-a531-afe162a6155b>, acessado em 09 de junho de 2020.

oficinas pudessem contribuir na capacitação e desenvolvimento da comunidade onde foi realizada a operação. Suas quatro primeiras edições foram realizadas no Sertão Pernambucano, Microrregião do Sertão do Pajeú (Figura 3), nos municípios de Tabira, Iguaraci, Tuparetama e Solidão.

Figura 2 – Localização do município no Sertão Pernambucano



Os autores, 2020

Figura 3 – Localização do município no Sertão do Pajeú



Os autores, 2020

As oficinas vão sendo realizadas no decorrer dos três turnos começando na segunda-feira e se estendendo durante uma semana inteira. Com o rodízio de oficinas é estimulado a colaboração entre os alunos participantes para que auxiliem uns aos outros nas atividades. Toda equipe (estudantes e coordenadores) fica hospedada em uma escola da cidade, dormindo em colchonetes e se alimentando com as refeições ofertadas pela prefeitura. O projeto reúne pessoas dos três *campi* da UFPE, possibilitando que pessoas de diferentes áreas do conhecimento e localidades consigam se conhecer, trocar experiências e trabalhar juntas, criando elos.

A presente reflexão, ao contrário de comunicações acadêmicas resultantes da avaliação de ações extensionistas do projeto em si (práticas pedagógicas, obras comunitárias e etc.)³, representa uma autoavaliação crítica da própria participação de um dos autores na jornada em Solidão, enquanto estudante de Geografia que não conhecia o lugar.

A operação realizada no início de 2019 totalizou oito dias de imersão no município, onde os participantes vivem plenamente em contato com a realidade local, seja durante a

³ Algumas ações do UFPE no Meu Quintal geraram publicação de resumos e artigos científicos sobre educação comunitária e práticas inclusivas, tais como Jordão (2017) e Santos, Souza e Garcia (2019). Vide referências.



aplicação das oficinas ou em seus horários livres, conhecendo a zona urbana e rural, entrando em contato com grande parte do município e com as pessoas que ali vivem. As trocas de conhecimentos e aprendizagem são inevitáveis, as experiências vividas com as pessoas e com o espaço são passíveis de significado, possibilitando laços afetivos.

Solidão, uma cidade cheia de glória e paz

Solidão é um município localizado no Sertão do Pajeú, porção norte do estado de Pernambuco, que surgiu e cresceu à sombra do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, padroeira da cidade, abrigada numa gruta ao pé da serra homônima desde 1948. Ocupa uma área de 130,7km² divididos entre zona rural e urbana, onde a primeira concentra maior área e população. O IBGE estima que em 2019 havia cerca de 6.007 habitantes no município.

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), a taxa de urbanização do município passou de 23,55% para 31,88% entre 2000 e 2010. Há 10 anos, segundo a mesma fonte, considerando-se a população municipal de 25 anos ou mais de idade, 34,15% eram analfabetos (índice 3 vezes maior que a média nacional), 22,41% tinham o ensino fundamental completo, 14,64% possuíam o ensino médio completo e apenas 2,97%, o superior completo (neste caso, percentagem quase 4 vezes menor que a brasileira).

O município insere-se no contexto agropecuário do Sertão do Pajeú, havendo proeminência do setor de comércio e serviços na economia. Solidão possui como principal atividade produtiva a agricultura e a pecuária. A vegetação de caatinga é utilizada pela pecuária como pasto natural e os sistemas agrícolas de produção predominantes são extensivos, sobretudo a bovinocultura de corte e a ovino-caprinocultura, ambas associadas aos roçados de milho e feijão. Destacam-se o cultivo das lavouras permanentes de banana, goiaba, laranja e manga, enquanto as temporárias são algodão herbáceo, arroz, batata doce, cana-de-açúcar, feijão, milho, mandioca e tomate (VERSYPLE *et al.* 2015, p.22-25)

Localizado a aproximadamente 410 km de Recife, o município de Solidão está totalmente inserido na bacia hidrográfica do rio Pajeú, tendo um relevo fortemente-ondulado e montanhoso com vegetação predominante do tipo caatinga hiperxerófila e com temperatura média anual da ordem de 28°C.

Lugar de um povo acolhedor, humilde e bastante religioso, a cidade se reafirma artisticamente com grupos de xaxado, quadrilhas, poetas e sanfoneiros. Caracterizado pelos moradores como um lugar tranquilo e de paz, apresenta um dos menores números de homicídios do estado possuindo a marca de 11 anos sem a ocorrência de assassinato (CAVALCANTI,



2014). O dístico que recebe os visitantes no portal de entrada da cidade remete à religiosidade e à importância da romaria ao Santuário de N. Sra. de Lourdes: “Sejam bem vindos à Solidão. Uma cidade cheia de glória”.

A prefeitura aponta como principais pontos turísticos: o Cristo ressuscitado, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes e o Portal da cidade. Possuindo assim um turismo de base religiosa muito forte graças aos diversos relatos de milagres realizados por Nossa Senhora de Lourdes. O catolicismo é a religião predominante, o Censo 2010 aponta que 5.467 habitantes seguiam a religião Católica Apostólica Romana, enquanto 262 seguiam a religião evangélica e nenhuma pessoa declarou seguir o espiritismo ou cultos afro-brasileiros. Para Scott W. Hoefle, apesar da existência de diferentes opções religiosas no sertão, o catolicismo é aí um traço predominante. “Outros grupos religiosos ganham novos membros, à medida que as cidades crescem, e se acentua a separação de classes, mas não conseguem ser maioria, mesmo nas grandes áreas urbanas” (HOEFLE, 1995, p.44). Solidão, pequena cidade com sua história de peregrinações, mantém-se fortemente católica.

Toda a história de Solidão é permeada por fé, num contexto referente ao catolicismo popular sertanejo:

No âmbito das comunidades rurais brasileiras, Carlos Rodrigues Brandão (1986, p. 180-181) situa o catolicismo não como único ou ortodoxo, mas como um catolicismo popular, rústico ou camponês. Para o Sertão, é fundamental pensar o catolicismo popular como um catolicismo produzido a partir das redes camponesas de trocas, constituindo uma religiosidade praticada de acordo com as regras de vida locais. Dessa maneira, o catolicismo popular é compreendido como um acervo de códigos e recursos do sagrado a serviço de demandas rotineiras da vida terrena (OLIVEIRA *et al.* 2018, p. 3).

“Minha cidade é distante, e se chama Solidão. Lá a paz é uma constante, e faz bem ao coração. Quer ter vida sossegada, e ter paz no coração? Deixa a cidade agitada, vá morar em Solidão.” Versos do poeta Aldo Gomes de Sá, disponibilizados por Cavalcanti (2014).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa é um estudo de caso realizado com três participantes do Projeto “UFPE no Meu Quintal”, operação Solidão-PE (2019), selecionadas por ordem de demonstração de interesse em chamada feita via WhatsApp. Vale salientar que também um dos autores participou da experiência enquanto monitor, da mesma maneira que todos os entrevistados, se encaixando no perfil dos sujeitos pesquisados e fazendo assim uma pesquisa participante. Os dados foram levantados por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro perguntas norteadoras: “Você



já conhecia o município de Solidão e a região em seu entorno?”, “O que você esperava de Solidão e da região?”, “Quais os acontecimentos e lugares que mais lhe marcaram?” e, por fim, “O que a experiência de oito dias em Solidão-PE agregou em sua vida?”. Em todas as entrevistas o áudio foi gravado sob autorização prévia do participante, para mais tarde servir como fonte de dados. Realizadas dois meses após a experiência, as entrevistas possuíram o intuito de dar voz às pessoas que viveram o município como visitantes extensionistas, para assim estudarmos o espaço através de suas vivências.

As experiências emocionais são individuais, mesmo que haja semelhança entre as pessoas de determinado grupo, isto é, não são passíveis de generalização. Nesse estudo trabalhamos a partir das experiências de quatro pessoas (três entrevistadas e mais um dos autores), entendendo que as experiências delas não representam os 81 estudantes envolvidos na atividade de extensão e ressaltando que não é nosso objetivo construir essa imagem geral, mas antes entender como as vivências dessas quatro pessoas dentro do contexto específico pode nos guiar a compreensões das relações afetivas/emocionais com o espaço.

Nesse sentido, a análise das entrevistas busca a identificação dos laços (emoções e sentimentos) criados com o lugar, utilizando da análise qualitativa que, segundo Alves e Silva (1992, p. 61) visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto. Tal metodologia foi empregada a fim de compreendermos a relação construída entre os estudantes entrevistados e o município.

Perfil das pessoas entrevistadas

- Entrevistada 1: Estudante de Enfermagem do Centro Acadêmico de Vitória (CAV), localizado na zona da mata sul. Moradora do Agreste pernambucano.
- Entrevistada 2: Estudante de Serviço Social do Campus Recife. Moradora da Região Metropolitana do Recife.
- Entrevistada 3: Estudante de Licenciatura em Geografia do Campus Recife. Moradora da Mata Norte.

São jovens universitários com idades entre 18 e 21 anos (considerando a data de realização do projeto, janeiro de 2019). Um dos autores é estudante de Geografia, Campus Recife, morador de Vitória de Santo Antão. São indivíduos que vivem em diferentes mesorregiões do estado que foram ao encontro do Sertão.



Resultados e discussões

O imaginário construído sobre Solidão

As relações das entrevistadas com o município e o Sertão do Pajeú se consolida na experiência do “UFPE no Meu Quintal”, todas apenas tinham ouvido falar sobre a microrregião do Pajeú, mas nenhum contato havia existido. No entanto, o fato de não conhecer a região não as isentou de construir um espaço concebido composto por estereótipos do local e relatos de terceiros. Um dos autores desta experiência não sabia da existência do município, havia ouvido falar da região do Pajeú, porém sem nenhum conhecimento concreto além das características “gerais” atribuídas ao sertão. Todos esperaram, assim, encontrar um lugar pouco desenvolvido, com muita pobreza e seca, como podemos observar nas falas de três participantes.

Entrevistada 1: “Eu esperava uma cidade seca com muita gente na extrema pobreza”; entrevistada 2: “pensei que as pessoas iriam estranhar nossa presença lá pelo fato de ser uma ‘cidade pequena’. Eu também achava que ela não seria tão desenvolvida como é”; entrevistada 3: “Eu não vou mentir e dizer que aquele imaginário que a gente tem de sertão não ficou na minha cabeça quando eu fui. Porque a gente geralmente pensa que o sertão é algo subdesenvolvido, que é algo precário, que é algo que não tem alegria de nada, que é só tristeza e miséria. Apesar do imaginário ter ficado na minha mente durante um tempo, não foi o que eu esperava quando de fato estava indo pra lá. Mas o imaginário de Sertão, de fato, influenciou muito.”

Por ser uma cidade pequena do Sertão pernambucano por muitas vezes é associada a uma imagem de um Sertão de miséria, imagem essa que foi fortemente construída e disseminada, estando hoje muito mais presente e forte do que se imagina. O que tem se entendido como desenvolvimento? Certamente passa distante de cidades pequenas e do interior, pois estes lugares são popularmente tidos como atrasados. Cada entrevistada possui sua fala com frases diferentes, mas que ao fim fazem parte de um mesmo discurso socialmente construído. São iguais no sentido de que se completam. Ao juntar as três respostas nos deparamos com uma, a da falsa superação do estigma da seca. E sobre esse imaginário de sertão Silva comenta:

Do que se pode apreender pelos documentos escritos, pelos relatos históricos, pelas manifestações artísticas, o sertão, desde longa data, mesmo construído



pela força de muitos braços, acabou sendo imaginado no plano nacional como um mundão sem fundo, sem cercas e sem porteiras (SILVA, 2017, p. 67).

Construiu-se um senso comum que corrobora visões depreciativas sobre a região, calcando-se de forma determinista na natureza semiárida, com reflexos no regionalismo político e na criação cultural ou mesmo científica (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999; MACIEL e PONTES, 2015). Sendo o Sertão historicamente imaginado em cenário nacional como lugar de atraso, onde não existe desenvolvimento, onde os portugueses definiram como lugar que precisava ser ocupado pelo progresso, torna-se muito difícil desfazer-se dessa imagem, ainda mais quando “ao redor do sertão todas as linguagens destacadas e reforçadas são pautadas no sofrimento, na falta, na carência, na penúria... Difícilmente se tem olhos para outras realidades” (SILVA, 2017, p. 68). Por ser historicamente construído é comum que mesmo sem perceber perpetuamos essas ideias, nesse caso, o imaginando antes de conhece-lo. São imaginários que transformam a percepção e vivências com os lugares e que podem ser criados por qualquer um, inclusive por jovens universitários pernambucanos espalhados pelo estado.

Relações interpessoais e o lugar

As ligações emocionais aos lugares podem acontecer de diferentes formas, mas estarão sempre atravessadas por pessoas, cenários e acontecimentos. As relações de afetividade com o espaço não excluem de maneira alguma as relações interpessoais de afetos, inclusive uma facilita a outra. Essas relações se manifestam na vida e no cotidiano de muitas pessoas, por exemplo, quando se deseja retornar a um lugar pensando em reencontrar algumas pessoas, ou porque esse lugar faz lembrar alguém; quando pensa em uma pessoa querida e de imediato remete a algum lugar. São situações simples e comuns que nos apontam que as relações entre pessoas e delas com o espaço estão interligadas diretamente e se completam.

Os relatos feitos pelas entrevistadas nos apontam essa relação interpessoal atuando na vinculação ao espaço. A entrevistada 2 ao ser questionada sobre os locais que lhe marcaram em Solidão, citou: “a comunidade de Barreiros onde pude conversar com muitas mulheres sertanejas e ver a força e o quanto são empáticos e solidários, humildes”, onde a recepção dada pelos moradores fizeram-na perceber suas características afetuosas dando significado a esse lugar para a pessoa. Nesta mesma direção a entrevistada 1 quando submetida a essa pergunta também aponta para o mesmo norte: “o centro de Solidão, onde encontrei pessoas maravilhosas, acolhedoras”. As pessoas presentes em tal lugar passam a simbolizá-lo, se tornando justificativa

para tal vinculação espacial. Outros trechos das entrevistas também reforçam a importância das relações de afeto interpessoais para a vinculação emotiva com o lugar.

Os habitantes do município foram caracterizados como: acolhedores, humildes, humanizados, empáticos, simpáticos e solidários. Diante de tantos adjetivos positivos dados aos solidanenses, fica claro que foi estabelecido uma relação de afetividade, pois caracteriza-se como sentimento positivo presente nos estados de amor e carinho. Considerando que a relação com as pessoas é um fator de grande relevância no entendimento das relações com o lugar, os depoimentos revelam que ao lembrar de pessoas que os marcaram, remeterão à Solidão.

Os lugares e emoções

Ao pensar em vinculações afetivas com o espaço podemos buscar localizar os lugares onde houve uma identificação, um envolvimento, lugares que marcaram, afetaram. No intuito de identificar algumas das formas de como pode ocorrer essa vinculação ao espaço foram elencados os principais locais apontados nas entrevistas:

1. A **praça** localizada ao lado da **Igreja** Nossa Senhora de Lourdes, figura 5. Foi cenário de apresentações culturais onde grupos de xaxado, quadrilha, músicos e poetas do município recepcionaram o projeto, como mostra a figura 6.

Figura 5 – Igreja e parte da praça



Fonte: Egberto Araújo, 2016

“A possibilidade do contato interpessoal público oferecida pela praça ainda permite o estabelecimento de ações culturais fundamentais, desde interações sociais do cotidiano até as

manifestações cívicas da sociedade civil” (QUEIROGA, 2003, p. 137). A praça foi constante lugar de confraternização entre os participantes do projeto, donde me incluo, pois possui bares, lanchonetes, lugares de convivência, além de abrir espaço para o contato com os moradores. Nesse sentido, a praça se reafirma como lugar de confraternização e encontro de pessoas, culturas e expressões, lugar de reunião.

Figura 6- Apresentação do grupo de xaxado local



Fonte: Equipe de comunicação UNMQ, 2019

2. A **escadaria** que liga a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes à estátua do Cristo Ressuscitado também foi indicada como um dos locais que mais marcaram as entrevistadas 1 e 2, o mesmo acontecendo comigo. Essa escadaria foi inaugurada em 2017 no intuito de incrementar o turismo de base religiosa do município. Ao longo de seus 700 degraus avista-se uma paisagem panorâmica da cidade, uma experiência cansativa, porém deslumbrante e inesquecível. Assim, a escadaria é um dos principais cartões postais da cidade e um dos locais mais comentados pelos moradores e turistas, agora também pelos extensionistas. É dito popularmente que ir a Solidão e não conhecer a escadaria que leva à gruta e ao Cristo é como não ter ido ao local. Um ambiente tão importante na cidade e que dá acesso a tão bela paisagem movimenta sentimentos e emoções.

3. O **hospital** também é citado, devido aos contratempos envolvendo alguns participantes, inclusive o autor. Ele marcou momentos importantes para esses indivíduos, não só os que precisaram de seus serviços, mas de todos os outros que se sentiram envolvidos pela situação. Não foram vinculados apenas momentos e lugares que remetem alegrias. Os locais que abrigaram momentos de preocupação, angústia ou tristeza também são possíveis de vinculação.

4. Os **povoados** são relatados como locais de grandes aprendizados e trocas de conhecimento. O território também ganha significado a partir das relações interpessoais ali estabelecidas. Nesse caso o que marcou não foi uma escadaria ou um prédio, foram as pessoas que habitam naquele território e o sentido de acolhimento. Essa relação é essencialmente marcada pelas pessoas e pelas experiências vividas.

5. A **Escola** (alojamento), **Rodovia PE-309** e **Secretaria de Educação** – Esses pontos aparecem na fala da entrevistada 3 e em minha própria experiência, sendo interligados por conta da proximidade. A escola referida foi a utilizada como alojamento, sendo a Sede durante o projeto. Essa escola fica na “avenida principal”, lê-se rodovia PE-309, figura 7, que liga todo o centro da cidade e, por sua vez, a Secretária de Educação é vizinha da escola, logo, também é situada na rodovia estadual, onde nós, alunos do projeto, circulávamos bastante. No entanto, as experiências da entrevistada trazem particularidades, como podemos ver a seguir:

A escola que a gente ficou também, principalmente porque o projeto da gente fala sobre cartografia social e ele tinha uma parte que a gente precisava sair desse lugar para andar pela cidade e fazer registros [para conhecer os Lugares dos moradores]. A avenida principal também foi um lugar que marcou muito porque a gente não tinha como sair dela né, ela era a estrada principal da cidade e era como se fosse uma ponte de colisão de todos os lugares, aí a escola que estava de frente a ela já era um marco porque a gente ficava ali a semana toda, sendo bem recebido, bem acolhido. A secretária de educação que ficava ao lado tinha um simbolismo muito grande pra gente porque foi lá que demos nossa primeira oficina que foi com professores e nós enquanto professores em formação ainda (entrevistada n. 3).

Figura 7 – Trecho da rodovia PE-309 no centro do município



Fonte: Egberto Araújo, 2016

Alguns desses locais são mapeados na figura a seguir. Como o perímetro urbano do município é muito pequeno, quase todas as áreas são bem próximas e ao longo do eixo da rodovia PE-309, com exceção da escadaria para a gruta de N. Sra. de Lourdes e estátua do Cristo. A proximidade dos lugares citados revela o recorte territorial que foi de fato vivenciado, recorte esse facilmente delimitado. O espaço reduzido faz com que as pessoas tenham mais contato direto e diário com os mesmos ambientes, de modo a facilitar a apropriação do espaço.

Figura 8 – Lugares de Afeto em Solidão



Os autores, 2020

Sentimentos e emoções vividos

Angústia, superação, ansiedade, orgulho, contentamento, empoderamento, adaptação, coletividade, identificações, segurança (“*me deixou segura de mim e da minha relação com outras pessoas*” – *entrevistada n. 3*). Estas foram as principais emoções e sentimentos apontados nas entrevistas e que marcaram as suas vivências em Solidão. Ao observar todas essas emoções e sentimentos de forma contextualizada, notamos que estão relacionadas a “intencionalidade” na vivência do lugar, em outras palavras, o objetivo de estar ali e as experiências advindas disso. Essas pessoas foram à Solidão com um grande objetivo e tarefa a



cumprir: aplicar oficinas no município, realizar uma ação extensionista. Desta forma, é natural que muitas das emoções que marcaram o lugar estejam relacionadas ou perpassadas por isso.

Dialogando com a classificação das emoções proposta por Damásio (2000) que distingue três tipos de emoções: as primárias (universais), as secundárias (sociais) e as de fundo; notamos a pouca citação direta das emoções primárias que são tidas como universais, estas são: alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e repugnância. Elas são observadas em crianças recém-nascidas e também são reconhecidas em todas as culturas. Enquanto isso as Sociais começam a aparecer mais tarde no desenvolvimento humano, pois estão relacionadas a cultura, são aprendidas socialmente – São exemplos: culpa e orgulho. E neste sentido verificamos que a maior parte das emoções destacadas pelas participantes fazem parte desse grupo. Também percebemos a presença de emoções de fundo. “Essas emoções permitem que tenhamos, entre outros, os sentimentos de fundo de tensão ou relaxamento, fadiga ou energia, bem-estar ou mal-estar, ansiedade ou apreensão” (DAMÁSIO, 2000, p.76). Enquanto participe do evento, cabe-me (primeiro autor do artigo), um relato conciso em primeira pessoa sobre a experiência do espaço (quadro 1):

Quadro 1 – Relato pessoal e emotivo das impressões do lugar

A experiência em Solidão veio em um momento muito importante da minha vida, onde eu estava precisando de uma imersão no desconhecido pra me encontrar um pouco mais. Solidão é um município incrível, encontrei com muita gente especial que vive lá e ajuda a construir esse lugar, com gente sensível, arrojada, simpática, especialmente com mulheres fortes e que se predispõem a resolver os problemas que aparecem, “desenroladas”. A simplicidade e a beleza de ser pequena a torna gigante, acolhedora. Acolhedora como o pôr do sol ao lado do Cristo ressuscitado, onde a paisagem é incrivelmente bonita. Poder passear tranquilamente pela cidade de madrugada vendo o céu estrelado. Solidão é diferente, pelo menos pra mim. Eu precisei ir a Solidão para encontrar com pessoas que vivem diariamente no mesmo espaço que eu, pra conseguir vê-las e compartilhar com elas. Meu relato é romântico porque é assim que eu guardo minhas impressões sobre esse lugar. Devemos nos atentar a esses espaços e sentimentos porque eles têm uma importância especial e preenchem a vida de sentido. Talvez essa seja a beleza das relações afetivas e emocionais com o espaço: a significação, o marco, a memória e as sensações que se eternizam. Solidão me marcou de uma forma muito complexa, assim como marcou também outras pessoas. Todos nós somos afetados por vários lugares e de diferentes formas, nossa relação com o espaço é intrincada demais pra ser interpretada apenas por números e o ambiente é mais do que relevo e clima.

(primeiro autor do artigo)

Lembramos aqui que muitas das experiências vividas ao longo dessa semana em Solidão não fazem parte do cotidiano do município, inclusive, acreditamos que muitas das experiências e emoções vividas pelos moradores do município ao longo da referida semana também fogem do comum em seu dia a dia. Da mesma forma, a integração nas ações do UFPE no Meu Quintal também representa um momento extraordinário para estudantes, visto que passam o dia a dia de suas formações em campi universitários.



Existem emoções positivas e negativas, ambas se fazem presentes no cotidiano e nas experiências. Sendo assim, faz parte, principalmente da imersão no desconhecido, se desanimar, angustiar-se e ter outras emoções (sejam elas primárias, secundárias ou de fundo) negativas, pois essas, assim como as positivas, são essenciais à vida, principalmente para a sobrevivência. A entrevistada 2 aponta: “passei por angústias com a minha dupla em relação à realização da oficina, quando eu achei que ia morrer por desidratação, quando fui pro hospital acompanhar meu amigo, quando fui pra delegacia denunciar assédio”; tudo isso nos mostra que as experiências foram diversas e superaram as questões relacionadas ao objetivo principal da estadia no local. A entrevistada 3 revela ter sentido “ansiedade por estar em um lugar totalmente diferente do que eu estou acostumada a estar, ansiedade também por eu estar dando uma oficina para professores já formados e eu não ser formada ainda”.

Mas também faz parte viver grandes momentos de alegria e descontração, “o rapel⁴, subir pro cristo enrolada no lençol com uma galera sem juízo, dançar muito pós-reuniões, as idas aos distritos vendo a necessidade que os moradores passam, as festas organizadas pela prefeitura e observações do céu”; as emoções vividas em Solidão ficarão guardadas na memória de quem as experienciou. A entrevistada 2 continua sua fala apontando que: “cada momento me trouxe emoções e sensações que eu jamais vou conseguir descrever, foram várias sensações boas e ruins, mas todas necessárias pra o aprendizado de vida. Acaba que todas vieram como lição e pro entendimento de melhoria pessoal como humana e participante da sociedade”. Essa identificação de sentimentos e emoções vividos no lugar também indica para uma vinculação afetiva com o espaço.

“Solidão me mostrou que a palavra que intitula essa cidade não diz nada do que a cidade representa, porque é uma cidade cheia de alegria, não somente alegria, que a gente vê na praça principal da cidade como a gente recebeu muito apoio e alegria de todo mundo”, assim a entrevistada 3 resume a principal emoção que Solidão despertou em sua vida.

⁴ Ao findar a aplicação das oficinas nas localidades, é costume que os responsáveis pelo projeto UFPE no Meu quintal façam um momento de confraternização entre os alunos, para descansar e comemorar a operação. Nesta edição a confraternização aconteceu na Pedra do Tendó em Teixeira – PB, fazendo rapel. Desta forma, há algumas experiências vinculadas à operação Solidão que aconteceram no município de Teixeira, frutos de um dia de comemoração e despedida do projeto.



Considerações finais

O projeto “UFPE no meu Quintal” possibilitou-me, enquanto estudante, conhecer mais de perto um município no sertão de Pernambuco, mediante uma vivência única e enriquecedora junto a novos amigos e ao povo do lugar, propiciando crescimento pessoal e ótimas lembranças. Foram dias memoráveis, que neste artigo procurei colocar em evidência e sistematizar na perspectiva da Geografia das emoções.

A experiência com o município de Solidão se consolida antes mesmo da vivência *in loco*. Os momentos que antecedem a ida ao município já são responsáveis pela primeira maneira de perceber o espaço, através dos estereótipos e relatos de terceiros, reforçando o imaginário do sertão de miséria e terra de ninguém. No entanto, a vivência dessas pessoas no município é fundamental para quebra desses paradigmas e compreensão do sertão como lugar de vida, pleno de outras representações. Essas discussões sobre preconceitos estabelecidos aos lugares constroem uma perspectiva emocional do espaço que compreende que as expectativas geram sentimentos e formas de agir diante do espaço, entendendo o termo “diante” para além da esfera do “estar fisicamente”.

As relações interpessoais nos mostram que houve uma vinculação afetiva com os moradores do local e essa vinculação foi essencial para a existência de alguns sentimentos e emoções atrelados ao lugar. Ultrapassam as experiências interpessoais e ganham dimensões espaciais, de modo tamanho a interferir nas maneiras de viver e recordar o espaço.

Muito do que foi vivido e visto em Solidão ressignificou a região para os extensionistas, possibilitando o abandono de alguns pré-conceitos, enquanto surgem outras generalizações baseadas no que foi vivenciado por elas, como é o caso da entrevistada 2 que fala: “vi o quanto o machismo tá enraizado nas cidades do sertão”, onde o que ela viveu em Solidão-PE e em Teixeira-PB possibilitou associar o comportamento machista a todo o Sertão, extrapolando os limites de Solidão, do Pajeú e de Pernambuco. O espaço concebido está sempre atuando e se refazendo, é preciso estar atento em até onde ele vai nos levar e em que medida ele transforma nosso olhar sobre mundo.

Sentimentos e emoções de fato foram vinculados ao município, não apenas os positivos, embora, em linhas gerais, foram eles os que mais predominaram. A experiência e as vivências proporcionam vinculações afetivas ao espaço e maneiras particulares de perceber e interagir sob ele. A mim me marcaram a insegurança e a euforia por ser tudo desconhecido, assim como a alegria, a felicidade, a contemplação, por vezes o medo e, finalmente, o contentamento pela



boa consecução do projeto e realização pessoal. Há muito a refletir e desvendar nos estudos dessa Geografia emocional, muito a descobrir sobre nós mesmos e nossas geografias.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife, FJN/Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALVES, Z.; SILVA, M. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, jul. 1992. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=pt&tlng=pt. acesso em: 10 jul. 2020.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/home/>, acessado em 07 de junho de 2020.

BONDI, L. *et al.* Introduction: geography's 'emotional turn'. In: DAVIDSON, Joyce, BONDI, Liz; SMITH, Mick (Orgs.). **Emotional geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007.

CAVALCANTI, J. Município de Solidão simboliza hoje um reino de fé e paz. **Jornal do Comercio**. Recife. 24 ago. 2014. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/08/24/municipio-de-solidao-simboliza-hoje-um-reino-de-fe-e-paz-141938.php>. Acesso em: 01 out. 2019.

DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

DAVIDSON, J.; MILLIGAN, C. (2004) Embodying emotion sensing space: introducing emotional geographies, *Social & Cultural Geography*, 5:4, 523-532. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1464936042000317677?needAccess=true>, acessado em 08 de junho de 2020.

ENTRIKIN, J. N. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Volume 66, 1976 - Issue 4, p.615-632.

HOEFLE, S. W. Igreja, Catolicismo popular e religião alternativa no Sertão nordestino. **Revista de Ciências Sociais**, v.26 n.1/2 1995, p.24-47. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10342>, acessado em 01 de junho de 2020.

JORDÃO, T. R. Ações de educação comunitária sobre aproveitamento integral dos alimentos: um relato de experiência no projeto UFPE no Meu Quintal. Portal de Conferências da UnB. **III Congresso Nacional do Projeto Rondon**. GRUPO A – Saúde. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/PR/pr3/paper/view/6265>, acessado em 09 de junho de 2020



MACIEL, C. A. A.; PONTES, E. T. M. **Seca e convivência com o semiárido**: adaptação ao meio e patrimonialização da Caatinga no nordeste brasileiro. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

OLIVEIRA, V. S. E.; CORDEIRO, R. L. M.; SILVA, F. L. S. Morte, cruces e o bem lembrar no Sertão de Pernambuco. **Revista Eletrônica Estácio Recife**, Vol. 4 - Nº 1 - Julho, 2018, p.1-11. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/174/58>, acessado em 05 de junho de 2020.

RELPH, E. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, nº 7, pp. 1-25, 1979.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?:** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17 – 32

SANTOS, J. C.; SOUZA, E. S. & GARCIA, J. E. Jogos didáticos na sala de aula inclusiva para alunos surdos: a experiência no Projeto “UFPE no Meu Quintal” / UFPE-CAV. **III CINTEDI – Congresso Internacional de Educação Inclusiva** (2018). Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV110_MD4_SA4_ID1702_12082018142848.pdf, acessado em 09 de junho de 2020.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo, Contexto, 2019.

SILVA, A. O Sertão para além da estética da boniteza da dor: reflexões a partir de Catingueira - PB. **Interespaço**: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, [s.l.], v. 3, n. 9, p.66-87, 10 out. 2017. Universidade Federal do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v3n9p66-87>.

SILVA, M. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, 2018.

QUEIROGA, E. F. O lugar da praça: pracialidades contemporâneas nas megalópoles do sudeste brasileiro. In. SOUZA, M. A. **Território Brasileiro - usos e abusos**. Campinas: Edições Territoriais, 2003. p.130-145.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VERSYPLE, N. I.; MACHADO, J.; ANDRADE, J. S. C. O.; WANDERLEY, R. A. Microrregião Pajeú: economia, clima e desenvolvimento da agricultura através de modelo digital do terreno. **Revista GEAMA**, Re